

nara roesler

são paulo

50



rodolpho parigi
CHOICES

nara roesler são paulo
abertura 31 de março
exposição 31 de março – 9 de maio



the choices of rodolpho parigi

curadoria de krist gruijthuisen

Ao sair do estúdio de Rodolpho Parigi, lembrei-me de uma passagem que escrevi recentemente para um ensaio:

Às vezes, fico olhando para mim mesmo no espelho até me tornar estranho à minha própria imagem. Afasto-me da identidade com a qual nasci e pela qual sou julgado. Analiso minha estrutura óssea, meus olhos, meu cabelo, minha postura. Objetifico-me tão completamente que a vida desaparece e a morte vem à tona. Quando contei à minha mãe que era gay, ela respondeu: ‘Por favor, não fique doente’.”

A fragilidade do corpo como lugar de identidade, significado e transformação contínua é o que constitui e inspira incessantemente a obra de Rodolpho Parigi. Para ele, a pintura não se organiza como uma tradição herdada, mas como um ecossistema no qual imagens, formas e histórias circulam, colidem e se transformam. Em suas telas, fragmentos da história da arte coexistem com diagramas anatômicos, estruturas botânicas, elementos gráficos e traços da cultura popular. Esses componentes não apenas coexistem, mas se fundem e se reconfiguram, criando lógicas visuais que resistem a uma interpretação fácil e devem ser vistas como um extenso autorretrato. Olhar para as pinturas de Parigi é como tentar se agarrar a um sonho após acordar – a imagem persiste, mas continua escapando.

O próprio estúdio de Parigi parece um diorama de sua mente, refletido em mãos, olhos e espelhos. Tudo brilha, mas nada está jamais concluído (como ele declara no momento em que você entra). Confiante de seu ofício, influenciado pelas técnicas renascentistas

e barrocas, ele permite, no entanto, que a dúvida e a insegurança venham à tona nas imagens por meio de fragmentos e estados de transformação, nos quais o artista questiona sua própria identidade.

De cima de uma escada, ele acena com a cabeça para minha roupa e diz: “*Choices*” [“Escolhas”]. Nós dois rimos, relembrando um momento de *RuPaul’s Drag Race All Stars* (2ª temporada), quando a drag queen Tatianna, avaliando a roupa de uma concorrente, simplesmente disse “*choices*” em um tom de ironia contida. No ateliê, referências da história da arte brasileira, da cultura gay e pop, da estética fetichista e objetos pessoais, como sapatos de Yves Saint Laurent e um cão de porcelana, coexistem. À primeira vista, questiona-se o que esse mundo povoado por objetos fetichistas, Tarsila do Amaral, Constantin Brâncuși, Hans Arp, Albert Eckhout, Victor Brecheret e SOPHIE tem em comum. Bem, uma coisa é certa – todos foram convidados para a orgia contínua de Rodolpho Parigi, na qual o modernismo brasileiro e os olhares coloniais se fundem à abstração radical da escultura do início do século XX e ao universo sintético e brilhante do pop experimental e dos objetos fetichistas. Tudo, no universo de Parigi, está em estado de devir — um orgasmo permanente, em que tudo é fluido e nada é fixo.

Pode-se dizer que o corpo começa como algo dado, ou assim parece. Nas pinturas de Albert Eckhout, o sujeito colonizado posa para o olhar europeu e é catalogado por meio da pele, da postura e dos ornamentos: uma projeção moldada pela distância, pelo desejo e pelo controle. O oposto se observa nas pinturas de Tarsila do Amaral, nas quais o

corpo se torna algo maior que si mesmo. Em obras como *Abaporu*, os membros se expandem e se estendem pela tela até que a anatomia comece a se assemelhar a uma paisagem. A figura é simplificada e exagerada, seus contornos definidos tanto pela cor e pelo ritmo quanto pela estrutura física. O corpo deixa de ser uma entidade fixa para tornar-se um território simbólico onde mito e geografia se cruzam. A escultura *Diana*, de Victor Brecheret, inspira-se nesse mito da transformação, no qual o humano se converte em árvore, como forma de retratar um corpo em trânsito. Em Constantin Brâncuși, esse movimento é reduzido a uma única curva ascendente, onde a matéria se torna polida e luminosa, quase imaterial, enquanto Hans Arp a dissolve completamente em formas suaves e biomórficas que parecem crescer em vez de serem feitas.

SOPHIE abordou uma questão semelhante por meio do som. Sua música transforma a textura sonora em algo tátil e hipermaterial, no qual batidas elásticas estalam como borracha e melodias reluzem como cromo. Em suas faixas, a voz e o corpo tornam-se construções fluidas, passíveis de serem moldadas e remodeladas à vontade. Os objetos fetichistas retratados — látex, vinil, couro polido — compartilham esse fascínio pela superfície e pela transformação. Quando esticados sobre o corpo, alteram seus contornos e reconfiguram sua identidade, transformando a carne em algo escultórico e reflexivo. O corpo se torna um objeto, um traje. Através dessas referências, surge novamente o mesmo impulso: o desejo de libertar o corpo dos limites do natural. Seja por meio da cor, da forma, do som ou da superfície, o corpo torna-se elástico, simbólico e construído.

A investigação de Parigi sobre o corpo nunca se limitou à tela. No início dos anos 2010, o artista criou o alter ego Fancy Violence, uma persona flamboyant e teatral que se manifestou em performances, exposições e eventos públicos em São Paulo e Berlim. Fancy Violence era, em muitos sentidos, uma extensão viva de suas pinturas, uma figura que encarnava a instabilidade de seu imaginário. Em seu excesso, Fancy Violence coloca em primeiro plano a sexualidade, a teatralidade e autoconstrução, ecoando o pensamento de Judith Butler, que descreve o gênero não como um fato predeterminado, mas como um ato contínuo de performance.

Desdobrando-se entre realidade e ficção, o universo especulativo de Parigi é habitado por figuras híbridas e andróginas que parecem emergir da tela como organismos vivos. Nesse contexto, desenho e pintura reconfiguram as ideias de corpo e gênero, dissolvendo as fronteiras entre o material e o artificial. Referências da arte clássica e da cultura popular se acumulam em cada imagem, produzindo o que Parigi descreve como uma “realidade virtual” visual — um espaço onde corpos e formas inexistentes se tornam intensamente presentes.

Parigi relembra para mim um momento formativo ao se deparar com as pinturas monumentais de Peter Paul Rubens no Museo del Prado, em Madri. Diante de obras como *O Rapto das Filhas de Leucipo* e *O Triunfo da Eucaristia*, confrontou-se com figuras que parecem irradiar luz de dentro, torcendo-se em movimentos que desafiam qualquer contenção. Por meio de sua exuberância carnal, as figuras de Rubens parecem romper os

limites de suas molduras. A intensidade barroca de Rubens ressoa em toda a obra de Parigi — não como citação, mas como uma atitude duradoura em relação às possibilidades expressivas do corpo pintado. Parigi começou a usar o termo Volumes para acentuar a fisicalidade carnal das formas retratadas em suas composições. A cor desempenha um papel igualmente estrutural. A paleta de Parigi — com verdes ácidos, azuis cerúleos profundos, vermelhos saturados, rosas elétricos e, sobretudo, o preto — organiza a lógica interna das pinturas. As cores conectam fragmentos díspares e produzem um campo de tensão visual. Nesse sentido, a sensibilidade de Parigi remete à obra de Tarsila do Amaral, cujo uso ousado da cor redefiniu a linguagem visual do modernismo brasileiro. A cor atua quase como um tecido conjuntivo, articulando as relações entre, por exemplo, membros, flora, diagramas anatômicos e padrões ornamentais. O resultado é uma vibração visual orquestrada.

Isso nos leva a “Choices”.

Nesta exposição, olhar para trás não é uma indulgência, mas um processo ativo e inquietante. O passado não é um arquivo estável, mas um território em disputa, povoado por imagens que carregam histórias de poder, desejo, ideologia e violência. As revisitações de Parigi transformam essas imagens de pontos de referência fixos em perguntas. Recordar não é repetir, mas desmontar e reanimar. As imagens são extraídas de seus contextos originais, colocadas no presente e autorizadas a se contradizer, absorvendo novas camadas de sentido. A autoridade se dissolve, e a história torna-se matéria.

As obras em *Choices* sugerem que o tempo não é linear, mas dobrado. As imagens retornam transformadas, recusando a ideia de uma história concluída ou coerente. O que parecia fixo torna-se fluido, aberto à reinterpretação e à recirculação.

Diante das pinturas de Parigi, sou novamente lançado ao mesmo fluxo, onde corpos emergem, se dissolvem e retornam em configurações inesperadas. O que antes parecia abstrato torna-se figurativo. Essas pinturas não se revelam de imediato — exigem tempo, paciência, repetição do olhar.

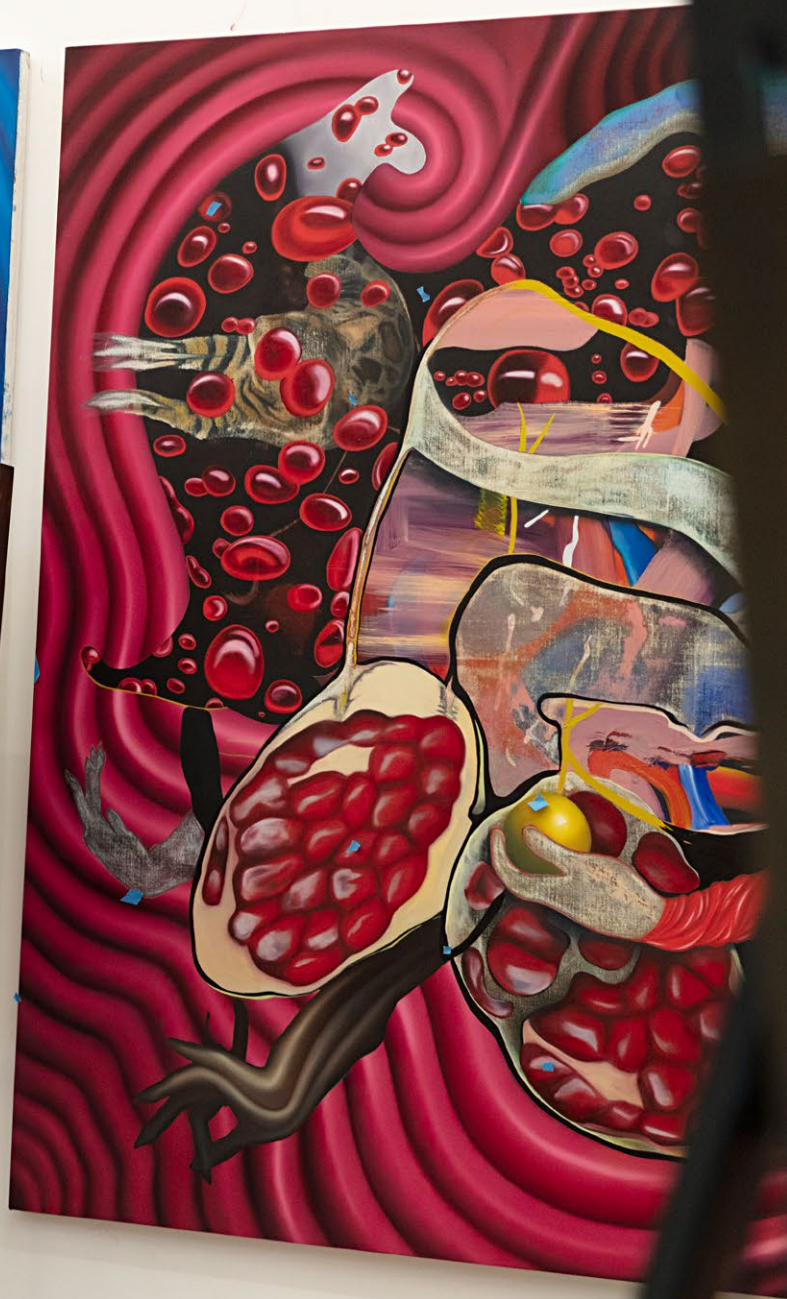
Em um mundo saturado de imagens descartáveis — de feeds algorítmicos às visualidades virais —, o trabalho lento e deliberado da pintura interrompe. Desestabiliza. Exige permanência. Exige que se olhe de novo, e por mais tempo. E talvez seja justamente nesses intervalos que resida a verdadeira escolha.

– Krist Gruijthuisen





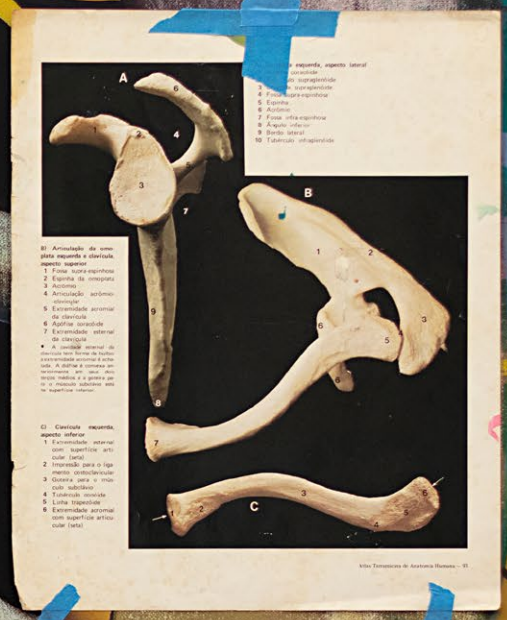




Magenta harp volumen, 2024-2026
tinta óleo sobre linho-tela
200 x 330 x 4 cm







Garden of latex pleasure, 2026
tinta óleo sobre linho
200 x 400 cm









Maja Tropical Volumen, 2026
tinta óleo sobre linho
201 x 281 cm











Red gloves ice, 2026
tinta óleo sobre linho
Ø 70 cm





Artemis, 2026
tinta óleo sobre linho
130 x 100 cm





Tropical Eckhout volumen, 2026
tinta óleo sobre linho
200 x 200 cm







Sem título, 2026
tinta óleo sobre linho
140 x 100 cm



The hunter, 2026
tinta óleo sobre linho
140 x 100 cm







Fading mercury, 2026
tinta óleo sobre linho
100 x 130 cm





Brancusi volumen dick, 2025
tinta óleo sobre linho
70 x 50 cm



Gants latex noir #1, 2013
tinta óleo sobre linho
70,5 x 60,5 cm









WOMAN

vista da exposição *Histórias LGBTQIAP+*,
Museu de Arte de São Paulo (MASP),
São Paulo, Brasil (2024)



vista da exposição *Latexguernica*,
Instituto Tomie Ohtake (ITO),
São Paulo, Brasil (2022)

rodolpho parigi

n. 1977, São Paulo, Brasil, onde vive e trabalha

Rodolpho Parigi integra a nova geração de artistas brasileiros que despontou a partir dos anos 2000. O trabalho do artista se faz no espaço limite entre abstração e figuração agenciando uma série de referências que vão desde a tradição da história da arte, com especial atenção à corporeidade barroca de Rubens, mas passa pelo design gráfico, publicidade, ilustrações científicas, cultura pop, pranchas de anatomia e música. Essa última, junto com a dança, é responsável por orquestrar a dinâmica dos gestos que criam suas figuras, ainda que o resultado se verifique muito mais no dinamismo das formas e da estrutura do que nas marcas do pincel sobre a superfície.

Rodolpho Parigi opera uma transfiguração singular calcada no excesso em que fragmentos de imagens e formas das mais diversas origens configuram-se na tela pelo uso de cores saturadas e luminosas que enfocam um futurismo retrô. O controle na execução e a organização apurada da composição provém de estratégias ornamentais que negam qualquer perspectiva tradicional e não deixam o olho descansar, levando-o a percorrer incessantemente o quadro. Nas pinturas de Parigi o *high tech*, presente na temática, encontra o virtuosismo da centenária técnica da pintura a óleo; assim como o orgânico, que não diferencia homem e animal, funde-se com a artificialidade da máquina, criando um provocativo efeito de estranhamento.

[clique para ver cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *VOLUMENS*, Nara Roesler, Nova York, EUA (2024)
- *Latexguernica*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2022)
- *Fancy Performance*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2017)
- *Levitação*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2015)
- *El Bestiario*, Sketch, Bogotá, Colombia (2014)
- Casa Modernista, São Paulo, Brasil (2013)
- *Febre*, Pivô, São Paulo, Brasil (2013)
- *AtraQue*, Nara Roesler, São Paulo, Brasil (2011)

exposições coletivas selecionadas

- *Histórias LGBTQIAP+*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2024)
- *Da humanidade: 100 artistas do acervo*, Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Álvares Penteado, São Paulo, Brasil (2020)
- *Da tradição à experimentação*, Fundação Iberê Camargo (FIC), Porto Alegre, Brasil (2019)
- *Histórias da sexualidade*, Museu de Arte de São Paulo (MASP), São Paulo, Brasil (2017)
- *Unanimous Night*, Contemporary Art Centre (CAC), Vilnius, Lituânia (2017)
- *LOL Levels of Life 1-2*, Artspace, Auckland, Nova Zelândia (2014)

coleções selecionadas

- Instituto Itaú Cultural, São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Álvares Penteado (MAB-FAAP), São Paulo, Brasil
- Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA), Salvador, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

nara roesler

são paulo

avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo, sp, brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241,
ipanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5034

nararoesler.art

info@nararoesler.art